

Corpo-a-corpo chega aos corredores da burocracia

Manhã de quarta-feira, 22 de outubro. Marco Antônio Campanella, candidato à Câmara pelo PMDB, chega a uma estal, no Setor de Autarquias Sul, para mais um dia de corpo-a-corpo. Dona Matilde, atendente do serviço médico, a simpática senhora que fez o convite para a visita, o recebe. Leu o jornal da capanha do candidato e gostou: "Estou cheia com esta velharia. Quero acreditar nos jovens".

Sem conflito de gerações, seguem os dois pelos amplos corredores. De sala em sala, a apresentação é individual. "Meu nome é Campanella, candidato a deputado federal, se gostarem das minhas idéias...". Entrega o jornal, o mesmo que cativou a atendente, mas tem pouco tempo para sentir as reações dos possíveis eleitores. Há muito trabalho ainda.

Sessenta apertos de mãos e algumas salas depois, as apresentações passam a ser coletivas. O candidato se fecha um pouco, está sério, mas não deixa de dizer as palavras-chave enquanto calcula o número de jornais a serem deixados em cada sala.

Não é fácil a maratona pelos

corredores da burocracia. Há indiferença, curiosidade ou demonstração de afeto. Na sala seguinte haverá sempre uma surpresa, como a entusiasmada manifestação de apoio, declaração de voto para o candidato. Há também decepções. Depois de 20 minutos de paciente discussão com um técnico, que desejava saber de Campanella sua opinião sobre a política nacional de afretamento de navios e construção naval, o eleitor confessa que ainda tem dúvidas sobre de quem será o seu voto em 15 de novembro.

A maratona prossegue corredor a fora com passagens pelas seções de Tarifas, Coordenação e Controle, Divisão Comercial, Instalações, com a abordagem a todos com quem ele cruza. Um desses encontros se transforma logo em voto certo:

— Voto sim. Ele veio aqui falar comigo. Se ele só tiver um voto aqui, será o meu. A secretária ainda surpresa com o encontro inesperado, entra em sua sala sem querer acrescentar outras explicações.

Perto do Departamento de Operações, a comitiva de Campanella cresce com a chegada de Maerle Ferreira Lima tam-

EUGENIO NOVAES



Campanella explica aos eleitores a sua proposta

bém do PMDB e candidato ao Senado, acompanhado de seus auxiliares. Somados ao repórter e fotógrafo que os seguem, a caminhada pelos iluminados e até então vazios corredores ganha ares de tumulto.

Atraído pelo burburinho, um técnico sai de sua sala e convida

os candidatos para sua mesa. Ele quer apresentar duas sugestões para a futura Assembleia Nacional Constituinte:

— Tenho nove anos de cargo de chefia. Se eu sair vou perder dinheiro. Quero que conste um dispositivo na Constituição garantindo que quem exerce car-

go de chefia há mais de cinco anos, ao deixar o cargo, fique ao menos com 50% dos proventos. A outra sugestão é para que a Caixa Econômica volte a conceder empréstimos aos funcionários públicos. Isso vai livrar muitos colegas das mãos dos agiotas.

Na sala de reunião, os três apertos de mão pouco rendem. São pessoas que não votam aqui, mas que se dizem impressionadas com a campanha "daquele político maluco, o J. Pinco". Sete apertos de mão depois, na Seção de Orçamento e na Sala de Projetos, a comitiva recebe o convite para comparecer à sala do chefe de gabinete.

Com o chefe de gabinete o papo é tenso. Diz o funcionário:

— A gente aqui do serviço público não pode fazer campanha. E tentando ser gentil: Como é que está indo a campanha?

Com o espocar do flash, um susto: "Você vai me dar esse filme. Eu indenizo o filme para você, mas ele não vai poder sair daqui". O fotógrafo diz que na película tem outras reportagens e ele não pode desfazer todo seu trabalho. O constrangimento se quebra com a saída dos candidatos e sua comitiva.

No térreo, a secretária recebe os crachás de volta e devolve os documentos dos candidatos. O de Campanella era seu cartão de CIC. A moça que os atende tenta ser sutil: "Estou precisando de uma passagem para o Rio...".

Do Setor de Autarquia todos seguem para a Esplanada dos Ministérios. A recepção lá é mais calorosa. Há até recepcionistas a esperá-los.

Na Comunicação Social, logo à entrada uma estrela vermelha do PT os espera. Um a jornalista tenta mostrar a situação: — A maior parte do pessoal não tem ainda candidatos. Soubemos da visita e discutimos alguma coisa em torno dele (Campanella).

Rosemary Barbosa, secretária, também recebe seu aperto de mão e as propagandas. Diz que é a primeira vez que vai votar. Considera-se meio perdida: "A gente começa a prestar mais atenção". Já tem uma opção de voto meio encaminhada, mas sem grande certeza. Sua tendência prefere não revelar, porque o voto é secreto.

Mais na frente Amazonia Craiveiro diz ser bom o contato direto com o candidato, principal-

mente para "a gente que está no ar". No momento ainda está relacionando os preferidos e deixa escapar simpatia para Campanella, que, na tarde anterior, tinha feito comício no pátio de estacionamento do Ministério: "Pelo menos esse aí fala bem".

Numa das salas do Departamento de Pessoal, uma voz ao fundo: "Só voto se me derem uma camiseta". E logo surge o pedido de mais oito. Campanella finge não ouvir. Depois explica que camiseta não rende votos e é um saco sem fundos.

Ao meio-dia a comitiva se desfaz. Depois de participar de um almoço "reservado", o candidato a deputado federal ainda tinha a realizar um comício às 13h30 no Setor de Diversões Sul, ir ao Gama se encontrar com um grupo de pessoas e voltar em seguida para um debate na Escola de Artes (Teatro Dulcina). As 18 horas faria comício no pátio do Ministério da Fazenda, às 19 horas gravação de um programa de rádio, 21 horas inauguração de comitê no Guarará, à meia-noite reunião com a coordenação do comitê de campanha. Dormir mesmo, fica para depois das eleições.